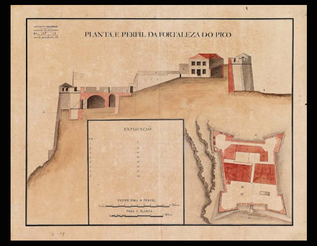


OS TEMAS E OS PROBLEMAS

UM SABER EM ESPIRAL: DESAFIOS AO CONHECIMENTO HUMANO NO SÉCULO XXI

NESOLOGIA: PECULIARIDADES GNOSIOLÓGICAS DAS ILHAS

CONHECIMENTO CIENTÍFICO E HUMANIZAÇÃO DA PAISAGEM

HISTÓRIA DA MADEIRA

CULTURA, LINGUAGENS E CRIAÇÃO ARTÍSTICA

EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO HUMANA E PROFISSIONAL E DESAFIOS DA SOCIEDADE MADEIRENSE

POLÍTICA, SOLIDARIEDADES, COMUNICAÇÃO E DIÁSPORAS

Conhecer é a forma suprema da razão humana dominar o mundo, ou seja, de se sentir senhora da vida e da terra habitada. A sistematização do conhecimento de forma distinta e organizada por disciplinas decorre, entretanto, da vontade de ordenar o caos do saber. O conhecimento sistemático oferece-nos então um mapa orientador, que nos dá a impressão pacificante de que abarcamos a realidade e dominamos o caos.

Cada época cultural sentiu a necessidade de realizar esta sistematização, quer em versão de compêndios multidisciplinares, quer em versão de enciclopédia.

Esta obra resulta justamente de um evento científico realizado no quadro de um grande projeto de produção de um novo saber enciclopédico sobre a região autónoma da Madeira.

Foi a partir dos resultados de pesquisa e das reflexões apresentadas nesse evento que esta obra se estruturou, assumindo-se que o maior dos desafios seria uma aposta forte na interdisciplinaridade e na discussão das suas possibilidades e dos seus limites em tempos de acentuada especialização.

Os que se interessam pelos temas madeirenses, articulados e enquadrados por reflexões epistemológicas que interessam à problematização do processo de produção de conhecimento no século XXI, encontrarão aqui, com certeza, leituras estimulantes.

Projeto 'Aprender a Madeira – Dicionário de História da Madeira'
apoiado pelo programa Intervir +
www.aprenderamadeira.net

Intervir+ Programa Operacional de Valorização do Potencial Económico e Coesão Territorial da RAM

QREN Quadro de Referência Estratégico Nacional Portugal 2007.2013

Região Autónoma da Madeira

União Europeia Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

ISBN 978-989-680-133-5

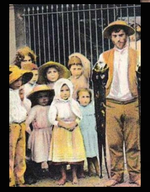
CLEPUL Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

ESFERA DO CAOS EDITORES

QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA

COORDENADORES
JOSÉ EDUARDO FRANCO E CRISTINA TRINDADE



QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA

COORDENADORES
JOSÉ EDUARDO FRANCO
E CRISTINA TRINDADE

ESFERA DO CAOS EDITORES

apca

OS AUTORES

Alberto Vieira
Aline Bazenga
Ana Cristina Trindade
Ana Londral
Annabela Rita
Carla Lucas
Carlos Valente
Catarina Faria
Cristina Coelho
Cristina Trindade
Custódia Drumond
Daniela Marcheschi
Ernesto Rodrigues
Filipa Oliveira
Guilherme Silva
Isabel Santa Clara
Jacinto Jardim
Joana Balsa de Pinho
João David Pinto Correia
João Relvão Caetano
Jorge Freitas Branco
José Eduardo Franco
José Manuel Paquete de Oliveira
José Renato Gonçalves
Luís Machado de Abreu
Luísa Marinho Antunes
Luísa Soares
Marc Augé
Miguel Sequeira
Nelson Veríssimo
Paulo Miguel Rodrigues
Raimundo Quintal
Rui Carita
Simão Silva
Teresa Norton Dias
Thierry Proença
Thomas Dellinger
Viriato Soromenho-Marques

• Coleção **Estudos Insulares** •

Direção

José Eduardo Franco
José Manuel Paquete de Oliveira

Conselho Científico Consultivo

Alberto Vieira, Aline Bazenga, Ana Rita Londral
Carlos Valente, Cristina Trindade, Custódia Drumond
Eduardo Jesus, Isabel Santa Clara, Jacinto Jardim
João David Pinto-Correia, Jorge Freitas Branco
José Agostinho Jardim Gonçalves, Luísa Marinho Antunes Paolinelli
Luísa Soares, Miguel Sequeira, Nelson Veríssimo
Paulo Miguel Rodrigues, Raimundo Quintal, Renato Gonçalves
Rui Carita, Saturino Gomes, Sílvio Fernandes, Simão Daniel Silva,
Teresa Norton Dias, Thierry Proença, Thomas Dellinger

A condição insular foi geradora de cultura, de literatura, de modos de estar e de pensar com matizes peculiares conferidos pela mundividência de quem nasceu com a marca de ter o mar como grande e vasta fronteira. Esta coleção pretende publicar obras sobre autores, temas e problemas que valorizem a herança cultural gerada nas ilhas, nomeadamente nas ilhas portuguesas.

QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA

Esta obra foi publicada no âmbito do projeto
'Aprender a Madeira – Dicionário de História da Madeira',
apoiado pelo programa 'Intervir +'
www.aprenderamadeira.net

TÍTULO
Que Saber(es) para o Século XXI?
História, Cultura e Ciência na Madeira

COORDENADORES
José Eduardo Franco e Cristina Trindade

AUTORES
Alberto Vieira, Aline Bazenga, Ana Londral, Annabela Rita
Carla Lucas, Carlos Valente, Catarina Faria, Cristina Coelho
Cristina Trindade, Custódia Drumond, Daniela Marcheschi, Ernesto Rodrigues
Filipa Oliveira, Guilherme Silva, Isabel Santa Clara, Jacinto Jardim
Joana Balsa de Pinho, João David Pinto-Correia, João Relvão Caetano
Jorge Freitas Branco, José Eduardo Franco, José Manuel Paquete de Oliveira
José Renato Gonçalves, Luís Machado de Abreu, Luísa Marinho Antunes
Luísa Soares, Marc Augé, Miguel Sequeira, Nelson Veríssimo
Paulo Miguel Rodrigues, Raimundo Quintal, Rui Carita, Simão Silva
Teresa Norton Dias, Thierry Proença, Thomas Dellinger, Viriato Soromenho-Marques

DIREITOS RESERVADOS
© Esfera do Caos Editores, APCA e Autores

DESIGN DA CAPA
DesignGlow

FOTOGRAFIAS EXTRA-CAPÍTULOS
(SEPARADORES DE PARTES E SECÇÕES, E PÁGINAS INICIAL E FINAL)
© Florentino Bernardes Franco

IMPRESSÃO E ACABAMENTO ACD PRINT

DEPÓSITO LEGAL 385734/14

ISBN 978-989-680-133-5

1ª EDIÇÃO Dezembro de 2014

ESFERA DO CAOS EDITORES
Campo Grande
Apartado 52199
1721-501 Lisboa
www.esferadocaos.pt

APCA – AGÊNCIA DE PROMOÇÃO DA CULTURA ATLÂNTICA
Estrada Comandante Camacho de Freitas, 516
9020-152 Funchal
www.apca-madeira.org

QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA

COORDENADORES

JOSÉ EDUARDO FRANCO
E CRISTINA TRINDADE

ESFERA DO CAOS
EDITORES

apca
AGÊNCIA DE PROMOÇÃO DA CULTURA ATLÂNTICA

Temas e problemas da construção de uma História da Arte na Madeira

Isabel Santa Clara

Universidade da Madeira

FIGURA 1. Teresa Jardim, *Mar*, 2001, luz néon, cadeiras de praia e som de mar; instalação na Galeria da SRTC, Funchal (fotografia de Teresa Jardim).

O tema que nos foi dado tratar propõe uma reflexão acerca da produção de conhecimentos sobre a arte existente numa região específica, mas abre também a possibilidade de uma reflexão equacionada a partir desse lugar. Recorremos, para *incipit* das considerações que se seguem, a uma imagem contemporânea em que a insularidade é pensada e encenada numa deriva entre a palavra e a imagem. Duas cadeiras, dois lugares de reflexão/de realização, de costas para o mar verdadeiro mas virados para a palavra "mar", escrita a luz azul. Um trabalho plástico sobre a paisagem e o território em que o discurso toma o lugar do seu objeto, não recorrendo ao simulacro nem à apropriação, mas sim ao poder da nomeação.

Cremos que este trabalho pode funcionar como uma espécie de arte poética e permite-nos sublinhar duas questões fundamentais: a história é a construção de um olhar do presente sobre o passado, como também é uma profícua navegação entre palavras e imagens, que se iluminam mutuamente. As obras de arte funcionam como uma corporização de memórias acumuladas (o "corpo da memória" como dizia Francisco de Holanda) que falam do seu tempo tanto quanto falam através do tempo até chegar a nós. Daí a pertinência do conceito de trans-memória das imagens que Vítor Serrão defende como forma de entender a obra de arte na sua integralidade, enquanto "*laboratório de memórias acumuladas*" que sobrevivem e perduram, seja nas franjas do subconsciente, seja na prática da criação e re-criação dos artistas"[1], propondo que as imagens artísticas sejam "*interrogadas* segundo programas estruturados de fruição e questionamento, a fim de nos mostrarem o muito que encerram das suas memórias ocultas, esquecidas pela alteração das suas funções e objetivos primeiros"[2].

A história da arte é, por inerência da complexidade e polissemia do seu objeto, uma disciplina de vocação comparatista e de recorte trans e interdisciplinar[3]. É uma disciplina atenta não só a questões estilísticas, de datação e periodização, de produção e circulação de obras, mas também atenta às funções da imagem, ao labor do pensamento visual, à receção e fortuna crítica, à relação das imagens entre si e com textos e

[1] Vítor Serrão, *A trans-memória das imagens*, Lisboa, Cosmos, 2007, p. 11.

[2] *Idem*, *ibidem*, p. 19.

[3] Esta vertente comparatista foi tema central do colóquio coordenado por Marc Bayard, *L'histoire de l'art et le comparatisme: les horizons du détour*, cujas actas foram publicadas em Paris, Ed. Somogy, 2007.

às variações da interpretação na busca de significado, que põem em evidência a sua inesgotabilidade e a trans-contextualidade.

A complexidade da vida das imagens através do tempo colocada em relevo, de diferente modo, por Panofsky e por Aby Warburg, encontrou mais recentemente em Georges Didi-Huberman um renovado campo de reflexão apoiado sobretudo numa revisitação deste último autor e centrado em conceitos como o anacronismo, a sobrevivência e a montagem[4].

Refletindo ainda sobre a especificidade do lugar, quando nos reportamos ao estudo de obras existentes em espaços considerados periféricos em relação aos grandes centros de produção, será profícuo ter em vista a perspetiva aberta por Carlo Ginzburg sobre esta questão[5]. Ele aborda as relações entre centro e periferia numa perspetiva complexa e dinâmica, de diálogo ou de conflito e não de simples subordinação passiva da periferia ao centro, lembrando que nem todas as periferias são retardatárias, seguem cânones diferentes, e há que procurar compreender os casos de *scarto,* de resistência ou de atraso que fazem a complexidade, a riqueza e a diversidade de cada época. Os conceitos de centro e periferia, trazidos da geografia para a história, ajudam a entender a diferença, a diversidade, as assimilações e resistências à importação de modelos, os desfasamentos temporais, em suma, a encontrar matizes onde, à primeira vista, reina o nivelamento e a monocromia.

Muitas são, pois, as achegas metodológicas, oriundas de campos do saber distintos, que podem contribuir para esclarecer a dinâmica da produção e circulação de obras de arte, a mobilidade dos artistas, as preferências dos fruidores ao longo do tempo.

Colocadas estas considerações preliminares, passemos à análise do estado da questão no que concerne aos estudos de história da arte na Madeira. Uma primeira nota, a título de exemplo e não exaustiva, irá para as referências às artes da Madeira no panorama das histórias da arte de âmbito nacional, elucidativas da evolução metodológica da própria disciplina e dos interesses de cada época. A partir da década de 40 do século

[4] Georges Didi-Huberman, *Devant le temps. Histoire de l'art et anachronisme des images*, Paris, Éditions de Minuit, 2000 e *L'image survivante. Histoire de l'art et temps des fantômes selon Aby Warburg*, Paris, Éditions de Minuit, 2002.

[5] Carlo Ginzbug, "História da arte italiana", in *A micro-história e outros ensaios*, Lisboa, Difel, 1991, pp. 5-119.

XX e para além dos textos de Luís Reis Santos acerca de pinturas flamengas da Madeira, Adriano de Gusmão menciona o retábulo e o cadeiral da Sé do Funchal[6]. É um tempo de atenção privilegiada às obras primas e aos períodos áureos da história nacional. Referências pontuais à Sé e às suas obras de destaque podem ser encontradas também na *História da Arte* publicada entre 1986 e 1993 pelas edições Alfa[7]. Nos volumes sobre o século XX, da autoria de Rui Mário Gonçalves, encontramos menção aos pintores Henrique Franco e Lourdes Castro e ao escultor Francisco Franco. Diogo de Macedo dedicara a este, em 1956, uma monografia com cuidadas fotografias das peças escultóricas, muitas delas ainda em barro, que constituem um interessante testemunho do processo de trabalho[8]. Estes artistas que integraram a geração do modernismo, os irmãos Franco e Alfredo Miguéis, tinham sido já mencionados por José-Augusto França, que também indica o pintor de origem madeirense Adolfo de Sousa Rodrigues[9].

Na senda dos estudos acerca de artes decorativas encontramos um pequeno capítulo sobre bordado na *História da Arte* de João Barreira[10] e, no decurso da vasta inventariação de azulejaria feita por Santos Simões, em 1963, surge um volume sobre os Açores e a Madeira[11].

Alguns aspectos do barroco na Madeira estão contemplados no *Dicionário de Arte Barroca*, como seja a azulejaria e o pintor Martim Conrado[12]. Por sua vez Pedro Dias dedica às ilhas da Madeira e Porto Santo um capítulo da sua *História da Arte Portuguesa no Mundo*[13]. O n.º

---

[6] Adriano de Gusmão, "Os primitivos e a Renascença", in João Barreira, *Arte Portuguesa: Pintura*, Lisboa, ed. Excelsior, 1946, p. 251.

[7] *História da Arte em Portugal*, 10 vols., Lisboa, Publicações Alfa, 1986-1989.

[8] Diogo de Macedo, *Francisco Franco*, Lisboa, Artis, 1956.

[9] *A arte em Portugal no século XIX*, Lisboa, Bertrand, 1966 e *A arte em Portugal no século XX*, Lisboa, Bertrand, 1974.

[10] João Barreira, *História da Arte: As artes decorativas*, vol. II, Lisboa, ed. Excelsior, 1946. Esta obra de quatro volumes saiu em fascículos, sendo dois deles dedicados às artes decorativas. Inclui um capítulo de Vasco de Lucena, "Os bordados da Madeira", pp. 285-298.

[11] João M. dos Santos Simões, *Azulejaria nos Açores e na Madeira*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1963.

[12] José Fernandes Pereira, Paulo Pereira (coords.), *Dicionário da arte barroca em Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 1989.

[13] Pedro Dias, "Madeira e Porto Santo", in *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822). O Espaço Atlântico*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999, pp. 142-225.

19 da Revista *Monumentos* (1994) incluiu um dossiê especial dedicado à Sé do Funchal, na sequência de trabalhos de recuperação do edifício empreendidos a partir da década de 80, que nos dá uma leitura atualizada de diversos temas já levantados em 1963 pelo P.e Pita Ferreira, de que adiante falaremos.

FIGURA 2. *Anjos músicos*, séc. XVIII, azulejos do coro da Igreja de São João Evangelista, Funchal (fotografia da autora).

Nos textos dispersos que abordam a arte contemporânea a atenção vai quase exclusivamente para os artistas a que a internacionalização deu visibilidade: Lourdes Castro, Martha Telles, António Aragão e, mais recentemente, Rigo (Ricardo Gouveia).

Ao passarmos em revista a construção de uma História da Arte feita a partir da Madeira, verificamos que ela começa com anotações dispersas

muito antes de chegar às primeiras abordagens sistemáticas. Resultam por vezes em crónicas e impressões de viagem, ainda sem rigor de análise nem pertinência de atribuição, mas que têm o mérito de chamar a atenção para as peças e apresentar fotografias delas, como é o caso das notas do Marquês de Jacome Correia, em 1927[14]. A primeira súmula sistematizada de história da Madeira, o *Elucidário Madeirense*[15], não tem entradas específicas para a arte, mas veicula informação elucidativa da fundação de igrejas, capelas e conventos. Já o autor de *As Ilhas de Zargo*[16] aborda especificamente as artes, subdividindo-as em arquitetura, pintura, artes decorativas, escultura e ourivesaria. Apresenta fotografias de algumas peças e, não sendo exaustivo, tem, no entanto, a preocupação de descrever, dar as medidas das peças e referir alguma documentação, alargando o seu levantamento até ao século XX, inclusive a coleções particulares.

Em 1931 é criado o Arquivo Distrital do Funchal, cujo primeiro diretor, João Cabral do Nascimento, além do trabalho de organização documental que lhe competia, revelou em diversas iniciativas sensibilidade para as artes, como seja: na elaboração do catálogo Estampas Antigas da Madeira[17], onde pela primeira vez se sistematiza esse rico conjunto de gravuras e litografias oitocentistas; nos diversos artigos sobre arte e património e sobre a criação e funcionamento da primeira Aula de Desenho e Pintura do Funchal; na defesa do património construído; na publicação do diário de Isabella de França ilustrado com aguarelas da autora[18].

A recolha e transcrição de documentos trará maior rigor à história da arte e a monografia de P.e Pita Ferreira acerca da Sé do Funchal[19]

[14] Marquez de Jacome Corrêa, *A Ilha da Madeira. Impressões e notas archeologicas, ruraes, artísticas e sociais,* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927 (escritas em 1925).

[15] Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Meneses, *Elucidário Madeirense,* Funchal, SRTC / DRAC, 1984 (Fac-símile da edição de 1946).

[16] Pe. Eduardo Clemente Nunes Pereira, *As Ilhas de Zargo,* Funchal, 3.ª ed., 1968 (1.ª ed. 1939).

[17] João Cabral do Nascimento, *Estampas antigas da Madeira. Paisagem, costumês, traje, edifícios, marinhas*, Funchal, Clube Rotário do Funchal, 1935.

[18] Isabella de França, *Journal of a visit to Madeira and Portugal (1853-54),* Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1970. A tradução portuguesa é de Cabral do Nascimento.

[19] Manuel Juvenal Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1963.

marca uma viragem metodológica, na medida em que fundamenta as suas afirmações com indicação do apoio documental em que se baseou.

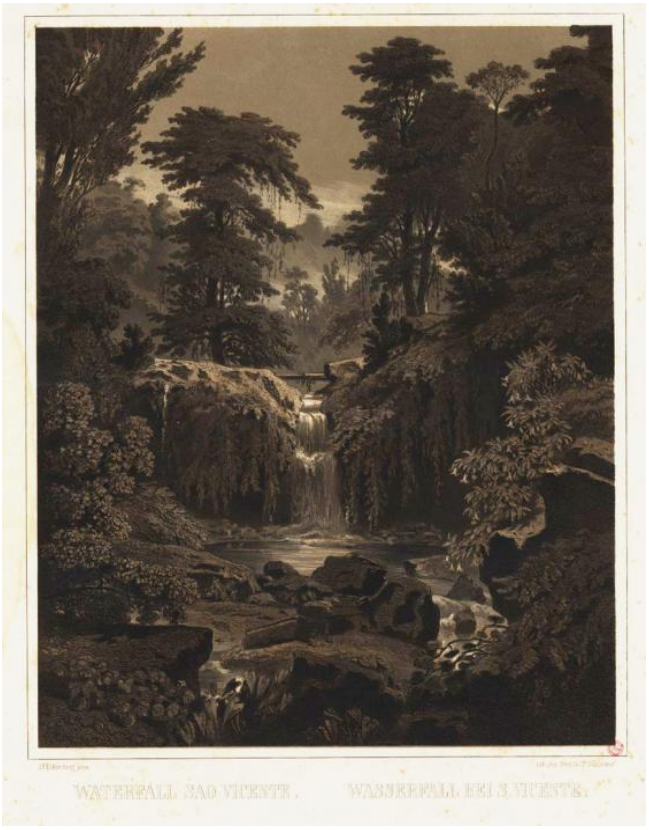


FIGURA 3. J. F. Eckersberg, *Queda de água em S. Vicente*, 1850, litografia do álbum *Views in Madeira* (arquipelagos.pt).

O crescente interesse pelas artes terá importantes consequências na recuperação do património e na criação de museus. Cayola Zagallo, membro da Sociedade Portuguesa de Arqueologia e vogal correspondente do Conselho Superior de Belas Artes, quando vem trabalhar para a Alfândega do Funchal, dá o grande impulso para o estudo sistemático da pintura dos séculos XV e XVI existente na ilha, procedendo a uma primeira inventariação e catalogação, e preconizando a imprescindibilidade do seu restauro e conservação. Insiste na necessidade da criação de um museu para garantir as condições de prossecução de tais objetivos, ideia que correspondia às aspirações dos estudiosos locais. Para

além do restauro das peças e escolha do local, houve que gerir, nalguns casos, a sempre delicada situação de conciliar as necessidades de culto com as perspetivas museológicas, pelo que o museu só veio a ser inaugurado em 1955[20]. A exposição de quadros provenientes da ilha da Madeira em Lisboa, em 1949, e a sua apreciação no âmbito do *Congresso Internacional da História de Arte*, em 1950, deram visibilidade às peças e permitiram confrontos de opinião entre especialistas, como Luís Reis Santos e Max Friedlaender.

FIGURA 4. *Adoração dos Magos*, óleo sobre madeira de carvalho, oficina flamenga, início do século XVI; Museu de Arte Sacra do Funchal (musueartesacrafunchal.org).

[20] Acerca da criação do Museu de Arte Sacra do Funchal, veja-se Eduardo Clemente Nunes Pereira, *op. cit.*, pp. 769-774; a conferência proferida aquando da inauguração do museu pelo então diretor do Museu Nacional de Arte Antiga, João Couto, "Os painéis flamengos da Ilha da Madeira"; e Carlos Valente, *As Artes Plásticas na Madeira (1910-1990). Conjunturas, factos e protagonistas do panorama artístico regional no século XX*, 1999, texto policopiado, tese de Mestrado em História da Arte apresentada à Universidade da Madeira.

Assinale-se a importância da publicação de revistas, que veiculam a divulgação dos estudos desenvolvidos com possibilidade de maior continuidade e profundidade que os artigos em jornais. O boletim do Arquivo Distrital, *Arquivo Histórico da Madeira*, publicação iniciada em 1931 por iniciativa de Cabral do Nascimento e do conservador Álvaro Manso de Sousa, embora mais vocacionado para a divulgação de documentação em geral, esteve aberto também a temas do foro artístico. Para além dos já referidos artigos do próprio diretor, teve ainda colaboração de Cayola Zagallo (entre 1934 e 1949), de Diogo de Macedo, de Luís Chaves que, ao longo do tempo, foram abordando temas como a pintura, os pelourinhos, a azulejaria ou as pratas. José Pereira da Costa, que sucede a Cabral do Nascimento na direção do arquivo e do boletim (1952-1963), deu continuidade à publicação de documentação, nomeadamente acerca das Misericórdias. António Aragão assume a direção entre 1972 e 1974, orientando mais especificamente o conteúdo para a publicação de traslados de documentação camarária. Mais recentemente Luís de Sousa Melo, que tinha vindo a fazer a transcrição paleográfica de documentação dos séculos XV a XVII dada a lume, assumiu a direção do boletim, que, a partir de 1998, passou para a responsabilidade da nova diretora Maria Fátima Araújo Barros Ferreira. Os números mais recentes tiveram por objetivo pôr à disposição dos investigadores um guia do Arquivo Regional da Madeira, atualizado consoante as reestruturações entretanto efectuadas, e instrumentos descritivos de diversos fundos documentais – paroquiais, confrarias e famílias e pessoais.

As condições de trabalho no novo edifício do Arquivo Regional melhoraram substancialmente e refletem também a melhoria da estrutura organizativa que contraria uma generalizada ausência de consciência arquivística por parte de instituições públicas e privadas, que dão exemplos de incúria ou destruição deliberada de documentação. Além das perdas irreparáveis que decorrem de acidentes, há lacunas em fundos de extrema importância, como os notariais, escassez de tipologia documental escassa para a Madeira. Tais circunstâncias contribuem para as dificuldades de encontrar apoio documental para a elaboração da história da arte de períodos mais recuados.

Em 2013 o Arquivo inicia uma coleção iconográfica com a publicação de *Imagens do Funchal Urbano – 1966*, oriundas do espólio de António Aragão, de que nos ocuparemos mais adiante, revelador da crescente

consciência do manancial que oferecem as imagens fotográficas para o conhecimento do passado. Tarda em ficar disponível aos estudiosos e ao público o notável espólio de cerca de 800 000 negativos da Photographia--Museu "Vicentes", aberto ao público em 1982, e depositário de preciosas coleções de fotógrafos profissionais e amadores, apenas muito parcialmente vislumbradas em algumas exposições temporárias.

A revista *Das Artes e da História da Madeira*, dirigida por Luís Peter Clode, e editada entre 1949 e 1971[21], estava vocacionada para as artes, a música, a literatura e a história. Nela colaboraram, para além do diretor, também empenhado na organização de diversas exposições temporárias de imaginária, ourivesaria e mobiliário, os padres Manuel Juvenal Pita Ferreira, Eduardo Clemente Nunes Pereira e Fernando Augusto da Silva, e ainda Vasco de Lucena, Anjos Teixeira, Luiza Clode, entre outros.

FIGURA 5. Cruz processional (pormenor), ourivesaria portuguesa, 1.º quartel do século XVI; Museu de Arte Sacra do Funchal (musueartesacrafunchal.org).

Por iniciativa de António Loja surge a revista *Atlântico* (1985--1989) onde colaboraram, no domínio das artes Luiza Clode, Amândio

[21] Esta revista dá continuidade ao suplemento de *O Jornal das Artes e da História da Madeira*, entre 1948 e 1949.

de Sousa, Jorge Marques da Silva, Rui Carita, João Lizardo e José de Sainz-Trueva, Maurício Fernandes, Celso Caires, Eberhard Axel Wilhelm, abrindo o campo de estudos a novas áreas como a fotografia ou a arte por computador.

Por sua vez a revista *Islenha*, editada com rara continuidade pela Direção Regional dos Assuntos Culturais a partir de 1987, com periodicidade semestral (dirigida por Nelson Veríssimo até 2002, depois por Jorge Pestana, de 2002 a 2007 e por Marcelino de Castro, a partir de 2008) tem sido um importante repositório da investigação que se tem vindo a fazer. Alguns dos seus colaboradores vinham já de outros periódicos, que entretanto suspenderam a atividade, e muitos outros se foram juntando, entre os quais docentes universitários, fazendo dela uma referência na história da cultura insular. O editorial do primeiro número definia-a como um "espaço para diferentes matrizes culturais das sociedades insulares atlânticas", e essa orientação tem-se mantido na abrangência de temas abordados e diversificação de colaboradores.

Dentro das revistas de âmbito mais acentuadamente local surgem dois títulos: a *Girão*, centrada em temas culturais do Concelho de Câmara de Lobos, editada pela Câmara Municipal desde 1998 e dirigida por Manuel Pedro Freitas, onde podemos encontrar informações relevantes, como os "Anais da Quinta Grande", coligidos pelo Padre Manuel Nóbrega e que tem contado com a colaboração, na componente histórica e artística, de Rui Carita, Nelson Veríssimo, Rita Rodrigues e Paulo Ladeira; e a *Origens*, revista cultural da Câmara Municipal de Santa Cruz, desde 1999, com os artigos de Lourenço de Freitas sobre temas de história do concelho, e diversos estudos de história da arte entre os quais os de Rita Rodrigues e os de Isabel Santa Clara.

A *Margem*, editada pela Câmara Municipal do Funchal, teve um pendor mais literário, mas dedicou também atenção às artes e até, mais recentemente, consagrou números temáticos a António Aragão e a Irene Lucília.

A associação *Xarabanda,* que se tem empenhado na recolha do património etnomusicológico, edita, desde 1992, uma revista com informação sobre música tradicional, Etnografia e artes populares. Desde 2000, a Associação de Arqueologia e Defesa do Património ARCHAIS é responsável pela publicação da revista *Ilharq,* iniciada sob a direção de Élvio Sousa, também autor de vários artigos, contando com a colaboração de

Emanuel Gaspar, Isabel Gouveia, João Lizardo, Fátima Gomes e Lígia Gonçalves, entre outros.

Os estudos de arqueologia partiram da atividade pioneira de António Aragão, diretor do Arquivo, que publicou também diversos estudos sobre a cidade do Funchal, nos quais perspetiva a relação entre a estrutura da malha urbana, com os seus monumentos, e as características dominantes do tecido socioeconómico. Entre 1964 e 1967 desenvolveu um plano de *Estudos de Prospecção e Defesa da Paisagem Urbana do Funchal* através de um levantamento fotográfico[22]; defesa cuja premência se fazia sentir numa conjuntura de demolições de modernas mas incaracterísticas construções, que na ausência de planeamento punham em causa o património imobiliário de interesse histórico. O "Plano Diretor da Cidade", de 1972, muito deve a este trabalho de sapa.

A Direção Regional de Assuntos Culturais inicia, na década de 80 do século XX, uma inventariação do património, elaborada por Teresa Figueira de Freitas, Álvaro Simões e Rui Carita. Desde então, a continuidade dada a esse trabalho permitiu reunir vasta documentação que pode ser consultada na Divisão do Património Cultural.

José de Sainz-Trueva, na sua passagem pela Direção Regional de Assuntos Culturais, privilegiou o património móvel e organizou, com base nessa recolha, diversas exposições com peças de colecionadores particulares. São da sua autoria numerosos artigos sobre heráldica, quintas, ex-votos e fotografia.

A criação do Centro de Estudos de História do Atlântico, em 1985, vocacionado para uma visão alargada das conexões atlânticas, veio proporcionar o desenvolvimento de projetos de investigação, a organização de colóquios internacionais e a edição de numerosas publicações. Possui uma biblioteca, importante documentação digitalizada e disponibiliza uma base de dados *on-line*, que muito têm contribuído para melhorar as condições de trabalho dos investigadores. Foram seus diretores, após um período de instalação, Luís Albuquerque (1988-1992), Joel Serrão (1992-1996), José Pereira da Costa (1997-2007) e Alberto Vieira (a partir de 2008).

Os catálogos das exposições de arte oferecem oportunidades de passar da investigação à divulgação, embora muitas vezes, por falta de

[22] Imagens publicadas em *Arquivo Histórico da Madeira*, Coleção Iconográfica I: *imagens do Funchal Urbano 1966*, Funchal, Arquivo Regional da Madeira, 2013, conforme acima foi mencionado.

meios, pequem por escassez de informação e de imagens de qualidade. A partir da década de 50 do século XX a Sociedade de Concertos da Madeira promoveu diversas exposições abarcando arte sacra, imaginária, ourivesaria, pintura, mobiliário, que constituem os primeiros passos na preservação do património móvel.

Quanto a catálogos de museus, foi editado, em 1997, o de arte flamenga do Museu de Arte Sacra do Funchal, da autoria de Luiza Clode e de Fernando António Baptista Pereira; um cuidado estudo sobre parte do acervo, que não teve, infelizmente, continuidade. Em compensação, os catálogos de exposições temporárias deste museu deixaram-nos um bom testemunho de iniciativas levadas a cabo pela instituição[23].

A Diocese do Funchal tem vindo paulatinamente a recuperar peças do seu património, o que também dá azo a estudá-las em melhores condições, pois muitas vezes estão colocadas em lugares de difícil acesso e fraca visibilidade. A comemoração dos 500 anos da diocese, em 2014, ofereceu uma oportunidade de levar a efeito o restauro do retábulo da Sé, numa cuidada relação de interdisciplinaridade, pois contou com uma colaboração entre restauradores e investigadores e com o imprescindível apoio laboratorial. O congresso internacional marcado para setembro de 2014, a assinalar a efeméride, por certo trará achegas importantes para o conhecimento daquela que é a primeira diocese instituída fora do continente europeu.

No que concerne à arte contemporânea, os catálogos são ainda mais sucintos, sendo de referir algumas exposições mais abrangentes como: *20 anos de artes plásticas na* Madeira, em 1998, e *Horizonte móvel: artes plásticas na Madeira 1960-2008*. No catálogo de *Horizontes insulares* está incluída uma síntese das artes plástica na Madeira a partir da década de 60 do século XX[24]. Existem dois centros de documentação,

[23] *A Madeira na Rota do Oriente,* Funchal, Museu de Arte Sacra do Funchal, 1999; *Jesus Cristo. Ontem, hoje e sempre,* Funchal, Museu de Arte Sacra do Funchal, 2002; *Eucaristia, Mistério de Luz*, Funchal, Museu de Arte Sacra do Funchal, 2005; *Obras de referência dos Museus da Madeira – 500 anos de História de um Arquipélago*, Lisboa, Palácio da Ajuda / Galeria de Pintura do rei D. Luís I, 2009-2010.

[24] Carlos Valente, *20 anos de artes plásticas na Madeira*, Funchal, Museu de Arte Contemporânea, Fortaleza de São Tiago, 1998; Isabel Santa Clara, Vítor Magalhães, *Horizonte móvel: Artes Plásticas na Madeira 1960-2008*, Museu de Arte Contemporânea do Funchal / Funchal 500 anos, 2008; Isabel Santa Clara "Caminhos da contemporaneidade artística na Madeira" in Orlando Brito, Nilo Borges Palazuela, *Horizontes insulares*, Canarias, Acción Cultural Española, 2011.

um no Museu de Arte Contemporânea do Funchal e outro na Galeria Porta 33 que reúnem catálogos, artigos em periódicos e notícias acerca dos artistas que têm exposto na Madeira.

Estão hoje disponíveis *on-line* várias bases de dados e outros recursos que facilitam o acesso a documentação, a bibliografia e a imagens como a NESOS, do Centro de Estudos de História do Atlântico; a Arquipélagos, da responsabilidade de Rui Carita; páginas pessoais como a Nelson Veríssimo com uma exaustiva bibliografia dos séculos XIX-XXI; SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico) com resenhas da autoria de Rui Carita, Teresa Brasão, Dina Jardim e Eduarda Gomes. Escasseiam as páginas *web* de museus insulares e, neste panorama, o Museu de Arte Sacra constitui exceção, ainda que tenha apenas informação sobre alguns destaques da coleção.

A investigação em História da Arte feita em contexto universitário beneficiou com a criação de mestrados e doutoramentos nesta área[25]. Daí a atenção dada por alguns autores ao património da Madeira nas suas investigações, caso de Vítor Serrão que, baseado em documentação inédita[26], rastreia nomes e obras de mestres e oficinas da ilha da Madeira ativos entre 1612 e 1657, com especial destaque para Martim Conrado; e coloca a questão fulcral da existência e funcionamento de oficinas regionais, abrindo perspetivas para o estudo de obras negligenciadas; ou de Joaquim Oliveira Caetano que estuda os quadros de Diogo de Contreiras existentes nesta ilha; ou ainda, no âmbito da História da Arquitetura, os trabalhos de Vítor Mestre e de José Manuel Fernandes.

Na Universidade da Madeira não existe licenciatura em História da Arte, apenas licenciaturas com as disciplinas desta área e de outras afins. Já ao nível de cursos de mestrado funcionou um em História, em 1997, com a possibilidade da variante História da Arte; um outro em Arte e Património no Contemporâneo e Atual, em 2007; e estão em funcionamento os de Gestão Cultural (iniciado em 2009) e de Estudos Regionais e Locais (a partir de 2011).

[25] Lembremos que José-Augusto França foi fundador do primeiro Mestrado em História da Arte do país, em 1976.

[26] Vítor Serrão, *A pintura Proto-barroca em Portugal, 1612-1657*, vol. II, texto policopiado, tese de doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra, 1992, pp. 862-896. Posteriormente publicado como *A Pintura Protobarroca em Portugal: 1612-1657 - O Triunfo do Naturalismo e do Tenebrismo,* Lisboa, Edições Colibri, 2000.

FIGURA 6. Henrique Franco, *A blusa azul*, c. 1920, óleo sobre tela; Museu Henrique e Francisco Franco (www.cm-funchal.pt).

Destes cursos de 2.º ciclo resultaram dissertações como as de Carlos Valente, acerca das artes plásticas na Madeira no século XX, a de Rita Rodrigues, sobre o pintor Martim Conrado, a de Alexandra Gonçalves relativa ao pintor Joaquim Leonardo da Rocha[27], a de Paulo Ladeira,

[27] Maria Alexandra de Sousa Gonçalves, *Joaquim Leonardo da Rocha. Primeiro Professor da Aula de Desenho e Pintura do Funchal*, Dissertação de Mestrado, Universidade da Madeira 2007.

sobre talha e pintura rococó no Arquipélago da Madeira (1760-1820)[28], a de Gualter Rodrigues dedicada a Rigo[29], a de Emanuel Gaspar acerca da obra de Chorão Ramalho na Madeira[30], e a de Teresa Mendes referente ao Plano Ventura Terra para a cidade do Funchal[31]. Foram ainda elaboradas as teses de doutoramento de Isabel Santa Clara acerca da pintura maneirista e de Rita Rodrigues sobre a pintura proto-barroca e barroca[32]. Em preparação está uma outra de Abel Rodrigues versando a obra do arquiteto Marcelo Costa, que abordará a relação entre a sua arquitetura e as artes plásticas.

Rui Carita, para além da atividade de inventariação e de divulgação do património, de que a sua colaboração na imprensa é testemunho, dos seus estudos acerca da arquitetura militar, da criação da base de dados Arquipélagos, tem ainda nos diversos volumes da sua *História da Madeira*, saídos a lume entre 1980 e 2008, sínteses da arte de cada período, bem como um mais aprofundado estudo sobre o Colégio dos Jesuítas.

No entanto, dada a ausência na Madeira de um curso específico de História de Arte, de um centro de investigação ou de um projeto integrador, as pesquisas têm sido feitas ao sabor das circunstâncias e das iniciativas individuais. Embora a produção tenha vindo a aumentar, há ainda muitas lacunas a preencher e períodos mal conhecidos. Falta um sistemático levantamento da obra de talha, apenas feito para o rococó e neoclassicismo e parcialmente para o barroco, da pintura dos finais do século XVIII e do século XIX e das pinturas de tetos; são muito poucos os estudos monográficos de artistas; não existe uma

[28] Paulo Ladeira, *O rococó na Madeira: a talha e a pintura do último barroco ao primeiro neoclássico*, Funchal, UMa, 2003. (editada em CD-ROM pelo CEHA em 2009).

[29] José Gualter Nóbrega Rodrigues, *Rigo: artista plástico activista, conceptualista*, Dissertação de Mestrado, Universidade da Madeira, 2008.

[30] Emanuel Gaspar de Freitas, *A obra de Raul Chorão Ramalho no Arquipélago da Madeira*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2010.

[31] Teresa Mendes Vasconcelos, *O Plano Ventura Terra e a Modernização do Funchal - 1.ª metade do século XX*, Funchal, Funchal 500 anos, 2008.

[32] Isabel Santa Clara, *Das coisas visíveis às invisíveis: Contributos para o estudo da pintura maneirista na ilha da Madeira (1540-1620),* Funchal, Universidade da Madeira, 2004; Rita Rodrigues, *A Pintura Proto-Barroca e Barroca no Arquipélago da Madeira entre 1646-1750: A eficácia da imagem*, Funchal, Universidade da Madeira, 2013 (textos policopiados).

história da fotografia baseada na análise das imagens do riquíssimo espólio da Photographia-Museu "Vicentes"; falta a desejável comparação com os restantes espaços insulares atlânticos. Estas problemáticas ainda em branco dificultam a elaboração de uma síntese da história da arte no arquipélago da Madeira.

FIGURA 7. Diogo de Contreiras (atrib.), *Ressurreição,* óleo sobre madeira, c. 1540; Igreja do Arco da Calheta (fotografia da autora).

FIGURA 8. Avelar Rebelo (atrib.), *Repouso na fuga para o Egito*, óleo sobre tela, séc. XVII; sacristia da igreja de São João Evangelista (fotografia Celso Caires).

A coordenação, planeamento e distribuição de entradas do Dicionário Enciclopédico na área das artes reflete a situação atual e encontra como principais entraves a escassez de investigadores com disponibilidade, a dispersão da informação e as lacunas tanto documentais como de estudos já efetivamente realizados. Procurar-se-á colmatar alguns destes vazios e alargar o campo de reflexão a áreas menos valorizadas na hierarquia habitual dos estudos de Arte, mas não menos significativas do imaginário coletivo, como é o caso dos ex-votos ou do postal ilustrado. Serão ainda objetos de estudo o design e o design gráfico, áreas que conheceram maior desenvolvimento a partir da década de 70 do século XX após a criação de um curso específico no Instituto de Arte e Design.

FIGURA 9. Ex-voto marítimo, óleo sobre tela, 1870;
Igreja de Nossa Senhora do Monte
(fotografia de Rui Camacho, *Islenha*, n.º 20, 1997).

FIGURA 10. *Mercado do Peixe*, postal ilustrado, Manuel Olim Perestrelo, início do século XX.

A fechar esta reflexão acerca da construção de uma história da arte na Madeira fica uma imagem em que o texto, aberto em negativo, só ganha condições de legibilidade através do insistente labor do desenho. Em jeito de metáfora, serve para lembrar a navegação entre palavras e imagens, essa necessária cumplicidade neste campo específico da História e o seu objeto e o lugar onde tudo isto acontece.

FIGURA 11. Teresa Jardim, "Eu vivo aqui no desenho mais alto da Ilha", desenho a grafite sobre parede de madeira, espelho circular e 44 resmas de papel A4; pormenor da instalação integrada na exposição individual *Alguns poemas dispersos e uma parede só para mim*, Museu de Arte Contemporânea do Funchal, maio/julho de 2011.